

setembro 1999
ano 4
edição meses letivos

A cidade mediada
Sidney Tamai e Mirtes Luciani
stamai@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: www.puccamp.br/~fau/

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Ana Paula Baltazar *Inglatera*
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrrens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Ligia Velloso Nobre *Inglatera*
Jesus Yepez *Venezuela*
Mª Pilar P Pineyro *Uruguai*
Olivia de Oliveira *Suíça*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Diziosi *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores CIDD
André Kaplan, Daniel Carne-
lossi, Priscila Vieira Davini

Grupo PET
Alexandre Tonetti, Diego Vega,
Eliane Castanharo, Fábio Araújo,
Isabel Nicolielo, Ivana Mi-
randá, Júnia Sana, Giovana Del
Ducca dos Santos, Marcelo
Svartman, Sandra Miekio Yano

FAU PUC- Campinas
Diretor
Ricardo Marques de Azevedo
Diretor adjunto
Denio Munia Benfatti
Coordenador de curso
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

CIDD Centro Integrado de
Documentação Digital
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 019 756.7156
fax 019 255.6376
cidd@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01 404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

Apoio
Capes, Apple do Brasil e
Daigital Kodak



DADIGITAL



IMPRESSO

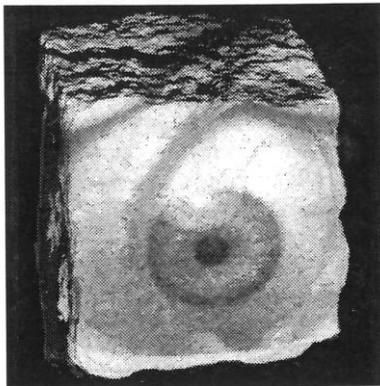


Foto de Antônio Saggese

"Ali mesmo, onde moro, frequentemente não sei onde estou", Milton Santos

"Existo onde não penso, penso onde não estou", Lacan

"Arte é tornar o invisível, visível", Paul Valéry

"A Cidade Mediada: grafada, fotografada e infografada" é atividade optativa da FAU PUC-Campinas oferecida aos estudantes no 2º Semestre de 1999 pelo Departamento de Linguagem. Nela procuraremos refletir e produzir um outro olhar para nossa Cidade. Para tanto, contamos com um curso de multimídia e a produção de quatro eventos paralelos e autônomos, inseridos em Campinas.

A cidade que se apresenta é representada transitando além dos limites de percepção do instrumento, gerando linguagens. Sensibilidades fotopoéticas e infopoéticas se apresentarão revelando uma cidade onde inexistia até aquela grafia. Uma única e singular cidade vista sob aquele Meio, sob aquele particular Olhar. Algo se torna visível, representável, estranhamente reconhecível. São fragmentos da cidade, construindo pelas diferenças, unicidades. Cidade-linguagem, cidade-inscrição, cidade-sentido.

Tratamos da cidade humanizada quando alguém para ela dirige sua atenção e produz, na diferença entre o desejo de representá-la e o seu resultado, um vestígio. Um vestígio, um sinal que põe em movimento a cadeia de signos. Um caleidoscó-



Foto de Gal Oppido

pio que reconheça a multiplicidade de significados e sirva de horizonte na produção da cidade nossa.

Eventos

Exposição *3 arquitetos, uma linguagem: a fotografia*. Antônio Saggese, Daniel Raizer e Gal Oppido, MAC Campinas, 31ago-19set99. Abertura às 20:30h

Mesa Redonda. Professores convidados: Lucrécia D. Ferrara, José E. R. Paiva, Wilson Mariana, Octávio Lacombe, Daniel Raizer e André Malavazzi. 31ago, das 19 às 20hs.

Palestras. "Cidade: Imagem e Imaginário", Prof. Dra Lucrécia D'Alessio Ferrara, Pós Graduação da FAU-USP; "Visorama: uma leitura urbana", Prof. Dr. André Parente, Prof. Dr. Diretor da Escola de Comunicações da UFRJ. Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 16set, das 19 às 22:30hs

WebCan. Captação de imagens em dois marcos da cidade de Campinas focando a paisagem e seu fluxo. Disponibilização On Line na Internet: www.puccamp.br/~fau. Material básico do curso de Intermídia. 31ago-30out.

Exposição. Trabalhos de multimídia produzidos pelos estudantes. Espaço Cultural Planet Idiomas, FAU PUC-Campinas, 08-12nov.

Apoio cultural TW informática, Conexão Campinas, Planet Idiomas e Base Aerofotogrametria e Projetos

Duas exposições: viagem de estudos e intercâmbio
oculum@uninet.com.br

Arquitetura do Rio de Janeiro
Dando prosseguimento às atividades optativas da FAU PUC-Campinas, aconteceu em maio de 1999 uma viagem de estudos à cidade do Rio de Janeiro. Tendo à frente as professoras Áurea Pereira da Silva e Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, uma equipe de 30 alunos fizeram uma visita guiada a diversos edifícios representativos da arquitetura carioca.

Coube aos alunos um estudo histórico e iconográfico de conjuntos arquitetônicos construídos desde o período colonial até hoje - Mosteiro de São Bento, Convento Santo Antonio, Paço Imperial, Jardim Botânico, Casa França-Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil, Aterro do Flamengo, MEC, Casa da Gávea e diversos outros - que resultou na presente exposição.

Em terras estrangeiras

Visando divulgar os intercâmbios que alunos da FAU PUC-Campinas vêm realizando há alguns anos com escolas de arquitetura de vários países e estimular uma troca de experiências em culturas estrangeiras, o grupo PET (Programa Especial de Treinamento da CAPES) da nossa escola organizou exposição de trabalhos de alunos e ex-alunos tendo como tema os intercâmbios acadêmicos realizados.

Além da experiência acadêmica, serão apresentadas as mais variadas facetas do intercâmbio: participações em escritórios de arquitetura, viagens e excursões para outras localidades ou países, cultura local, festas, amigos, etc.

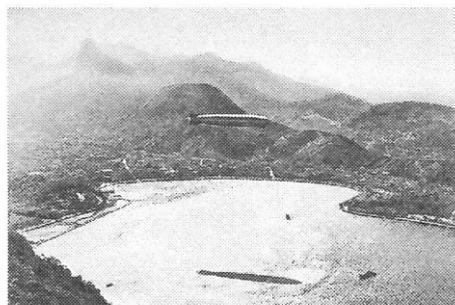
A intenção é que a partir desta ocasião se estabeleça um diálogo entre os intercambistas e as diversas instâncias de nossa escola, possibilitando que as experiências individuais sejam assimiladas coletivamente, consolidando as experiências já realizadas e incentivando novos alunos a realizarem intercâmbios no exterior.

Arquitetura do Rio de Janeiro: viagem de estudos. Exposição de trabalhos realizados por participantes de atividade optativa. Organização: Professoras Áurea Pereira da Silva e Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. Realização: Centro Audiovisual - CAV. 30ago-07set99. **Em terras estrangeiras.** Exposição de experiências de intercâmbio dos alunos da FAU PUC-Campinas. Organização: Grupo PET CAPES. Realização: Centro Audiovisual - CAV. 08-17set99. Local: Espaço Planet Idiomas, FAU PUC-Campinas, Campus I, fon 019 756.7082

Olhares do leste europeu sobre o Rio de Janeiro

Roberto Segre

bobsegre@acd.ufrj.br



Peter Fuss, foto de Zeppelin sobre Lagoa Rodrigues de Freitas

Rio. Palavra que designa uma corrente de água, é sinônimo de abundância, fluidez e fertilidade. A partir do século 16, assumiu uma identidade precisa: no imaginário geográfico e urbano mundial, as três letras foram associadas à cidade do Rio de Janeiro. Resulta paradoxal denominar uma urbe por seus atributos geográficos: primeiro, os portugueses Pero Vaz de Caminha em 1500 e Gonzalo Coelho em 1504, incapazes de achar palavras precisas para descrever a incomensurável baía de Guanabara, inferiram a existência de caudalosos rios brotando de insólitas colinas. Logo, parafraseando ao escritor Carlos Heitor Cony, a presença de "dois sacerdotes pagãos" – os morros do Pão de Açúcar e do Corcovado – definiu a iconicidade de sua imagem. Para os europeus, Rio constituiu o paradigma da natureza virgem tropical, do paraíso reencontrado, do espaço não contaminado devido a inocência do "bom selvagem" latino-americano. Cabe supor que antecipando a categoria do "real maravilhoso" do cubano Alejo Carpentier, o almirante francês Nicolas Durand de Villegaignon, desejo de consolidar a França Antártica (1555), se manteve na pequena ilha frente a terra firme, para regalar-se quotidianamente com o magistral cenário da paisagem carioca.

Finalmente, os portugueses decidiram assentar-se neste marco natural e em 1565 Estácio de Sá fundou a futura Rio com o nome de São Sebastião. O processo de urbanização lusitano foi alheio à normativa cartesiana das hispânicas Leis das Índias, permitindo o diálogo e a simbiose entre trama e topografia. A localização de igrejas e conventos nos morros da área central – Santo Antônio, São Bento, Castelo, Nossa Senhora da Glória – expressaram uma relação dialética com a expansão do tecido viário e os monumentos nos espaços planos da cidade. Equilíbrio perdido no século 20, quando o modelo acadêmico que identificaria a capital do país, assumido pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), impôs a regularidade dos traçados monumentais que motivaram os desmontes dos morros de Castelo e Santo Antônio. Sem dúvida, mesmo diante da "inata maldade dos homens" como afirmou Oscar Niemeyer, a natureza resistiu à perversão da metrópole.

Ao celebrar-se no Rio a reunião de presidentes latino-americanos e da Comunidade Européia (junho 1999), os dirigentes do CAU-RJ – arquitetos Jorge Czajkowski e Fernando Sendyk – exibiram a

obra de 3 artistas da Europa Central que elaboraram uma visão original da cidade na década de 30: o arquiteto e desenhista húngaro Géza Heller (1902-1992); o pintor polaco Bruno Lechowski (1887-1941) e o fotógrafo alemão Peter Fuss (1904-1978). Porque insistir neste período, a mesma das documentadas exposições já realizadas sobre o *Art Decó* e as visitas de Le Corbusier ao Brasil (1929-36)? Justifica-se pelo fato de que o período de entreguerras constitui um *turn-point* da modernidade carioca; o clímax do ansiado equilíbrio entre arquitetura e paisagem, cujo principal ícone é o Cristo Redentor do Corcovado (1926-31). De um lado, a equipe comandada por Lúcio Costa e assessorada por Le Corbusier (1936-41) projeta o Ministério de Educação e Saúde, emblema do Movimento Moderno na América Latina; de outro, surge o bairro de Copacabana, modelo do hedonismo burguês, uma vez recuperado o sistema financeiro dos efeitos da Grande Crise de 29. Não é casual então que promotores imobiliários norte-americanos tenham vindo ao Rio para estudar o processo de urbanização ao longo das praias, modelo logo aplicado em *Miami Beach*.

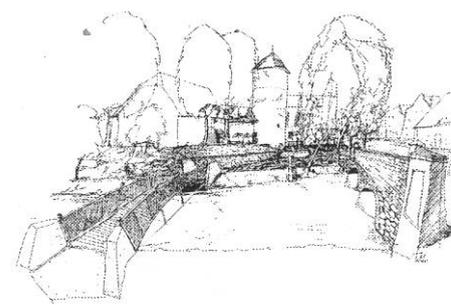
A cidade maravilhosa atrai como um ímã a busca de experiências inéditas por parte de americanos e europeus, facilitadas pela proliferação de transatlânticos, aviões e dirigíveis que encurtavam as distâncias entre continentes. Para os primeiros, ela sintetiza as qualidades essenciais do exótico tropical da América Latina, integrada na imagem unitária do "pan-americanismo" promovido pelo *New Deal* de Roosevelt. Para os segundos, a natureza exuberante do Rio representa a liberdade, a criatividade, a imaginação, a beleza pura, a ruptura de ataduras às normas, a sistemas formais rígidos e impositivos inerentes a uma cultura ancestral e estabilizada. Daí as palavras de admiração de Le Corbusier pelo Rio, ponto culminante de suas inéditas experiências da paisagem continental, "vértice coroado como fogo de artifício".

A originalidade da exposição está na coincidência dos olhares sobre a cidade e a diversidade de meios expressivos empregados. Heller, Lechowski e Fuss, vindos da convulsionada Europa Central, minada pelas tensões raciais e políticas que desataram o nazismo e o anti-semitismo. Emigrados de países cuja atmosfera se tornava cada vez mais rarefeita devido o dogmatismo e a intolerância, intuíram o significado das negras nuvens que anunciavam a 2ª Guerra Mundial. Daí a visão apaixonada da diafanidade e luminosidade do céu carioca; as sensuais formas dos morros acariciados pelas ondas marinhas; a profundidade das sombras nos verdes bosques da Floresta da Tijuca e o frenesi construtivo que substituiu aceleradamente as construções coloniais e acadêmicas por edifícios modernos. Eles conseguiram, através de inspirados desenhos, pinturas e fotografias, documentar momentos felizes e esperançosos da história urbana do Rio.

Exposição *Rio, Capital da Beleza*. Géza Heller, Bruno Lechowski, Peter Fuss. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Jun-ago99. Leia texto na íntegra na internet

A dialética construtiva do antigo e do contemporâneo

Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti
maria-cavalcanti@baunetz.de



Waschhaussteg, Lübz, Alemanha. K. Brendle e S. Bergermann

Intervir em áreas antigas não significa apenas realizar uma contextualização simplista ou releitura banal de linguagens figurativas e *adequar* nova forma construída aos parâmetros urbanos e arquitetônicos das preexistências. Nem reproduzir formas, ornamentos e decorativismos anacrônicos do passado: isto é pastiche.

É preocupante a obsessão com os *revivals* em algumas correntes da arquitetura pós-moderna deste final de século, que Lina Bo Bardi acertadamente definiu como "retromania". Nesta onda de angustiante nostalgia e incapacidade de viver o presente (Krier), aberrações pseudo-classicistas (Bofill), metáforas e anedotas (Graves), e farsas do passado (Quinlan Terry), a autenticidade histórica da cidade é violada: o novo não se distingue do antigo.

A construção da cidade exige o respeito pelo antigo e, principalmente, a coragem de ser contemporâneo, de construir e projetar de acordo com a linguagem, estética, valores, tecnologia e os materiais atuais. Assim é o *Waschhaussteg*, uma ponte para pedestres sobre o Rio Elde, em Lübz, de Klaus Brendle, cujo projeto nitidamente atual não se deixa seduzir pelo fetichismo formalista do passado e explora as possibilidades estruturais do concreto e do aço na concepção de uma estrutura leve, transparente e funcional.

Lübz é uma pequena cidade do século 13 localizada na região leste da Alemanha e esta nova ponte está localizada na vizinhança imediata do edifício da Amtshaus, originalmente a sede da administração local (atual *Stadtbibliothek, Volkshochschule e Rathaus*), das ruínas da torre do antigo castelo, e da estrutura maciça de uma ponte de veículos do século 19 construída em tijolo e pedra. O *Waschhaussteg* estabelece um contraste formal intencional com as pesadas estruturas dos edifícios antigos e com a ponte existente, deixando à mostra todo o sistema de funcionamento e elementos de sua estrutura, tais como os tirantes e suportes, e os parapeitos elaborados numa rede de aço.

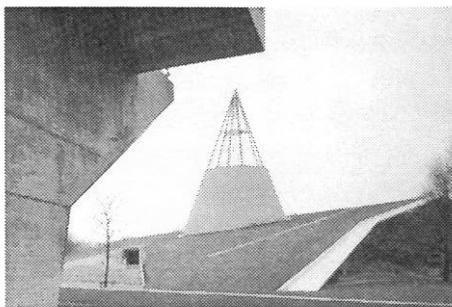
O *Waschhaussteg* é um elemento novo e necessário à vida contemporânea da cidade de Lübz. O purismo e funcionalidade de seu design, sua articulação legível com a ambiência do centro antigo e com a sua paisagem natural e a coerência com o momento histórico atual, evita uma relação ambígua com o entorno e dá continuidade à sua história urbana e arquitetônica.

Maria de Betânia Cavalcanti é PhD em História Urbana (Oxford)

O arquiteto em reflexão

Henk Döll, Mecanoo Architecten

info@mecanoo.nl



Biblioteca da Universidade de Delft, Mecanoo Architecten

A fábrica Van Nelle em Roterdã, a casa Rietveld-Schröder em Utrecht, a Casa Mairea em Norrmank e os laboratórios e escritórios das Ceras Johnson em Racine são exemplares já bastante analisados de arquitetura do início do século 20. Todos admirados por terem avançado a disciplina de alguma maneira radical – através da concepção espacial e formal, a invenção do tipo de construção ou inovação tecnológica. No entanto para nós, esses prédios formam um grupo coerente, não por causa de alguma heróica causa ideológica em comum, mas porque são todos resultado de um relacionamento inspirador entre cliente e arquiteto. Essas relações eram, no entanto, muito mais que profissionais; foram baseadas na amizade, em contatos pessoais e geralmente duraram a vida toda.

Os tempos mudaram. Existem exemplos mais recentes de colaborações intensas entre clientes individuais e arquitetos (por exemplo, o Instituto Salk e a Galeria Menil), mas esse tipo de envolvimento tende cada vez mais a ser uma exceção à regra. O mais comum é o envolvimento de muitas pessoas – geralmente com interesses conflitantes – nos processos de concepção e construção. O cliente não é mais um proprietário individual com quem o arquiteto pode desenvolver um relacionamento pessoal e profissional gratificante, mas antes uma série de organizações de estruturas não muito claras e com processos imprecisos para tomadas de decisões.

O termo *cliente* ganhou uma definição mais complexa que no passado. Pode se referir ao cliente profissional que constrói regularmente – construtoras, prefeituras, universidades – ou a um indivíduo ou instituição empenhado em um primeiro e único projeto de construção. Além disso, por *cliente* subentende-se também os futuros usuários do prédio e o público que se leva em conta no processo de criação. A função do arquiteto é coordenar o trabalho de inúmeros profissionais de papel fundamental na concretização de um prédio. A arquitetura refinada não surge do laboratório de um arquiteto trabalhando em isolamento. Um projeto meticulosamente planejado só pode ser resultado de uma colaboração inspirada entre clientes, usuários, público, consultores e o arquiteto. É importante que todas as pessoas envolvidas sintam-se pessoalmente responsáveis pelo resultado final e só nessa situação é que a assinatura de um arquiteto pode adequadamente enriquecer o projeto.

Estudamos na Universidade de Tecnologia de Delft no final dos anos 70 e início dos anos 80. Em consequência dos distúrbios de 1968, as universidades passaram a dar mais atenção às implicações sociais do trabalho acadêmico. Foi uma época inspiradora para se estudar arquitetura, um ponto de transição por causa da combinação de questões sociais e projetos arquitetônicos e a incorporação de preocupações sociais e culturais dentro da prática profissional. *Architecture and Utopia*, de Manfredo Tafuri e *Towards a non-oppressive environment*, de Alexander Tzonis, eram textos importantes, influenciando-nos a formular novos papéis como profissionais engajados na sociedade.

Em seu livro *The Reflexive Practitioner – How professionals think in action*, o falecido Donald A. Schön examina cinco disciplinas – arquitetura, psicoterapia, engenharia, planejamento urbano e administração – para explicar como os profissionais buscam soluções. De um lado, Schön apresenta o ultrapassado conceito do profissional como especialista técnico detentor de uma sabedoria extraordinária, *status*, poder e permissão. Do outro, estão os críticos radicais. Eles atacam os profissionais, acusando-os de serem instrumentos elitistas dos grupos dominantes, que usam seu conhecimento especial para controlar os menos favorecidos e manter o *status quo*. Segundo Schön, nenhum dos dois extremos oferece uma definição satisfatória do papel que os profissionais deveriam exercer em sociedades cada vez mais democráticas e pluralistas.

Schön oferece o modelo de reflexão-em-ação. Mais que a resolução de problemas com perícia técnica, a reflexão-em-ação se concentra na definição crítica. O problema é constantemente revisto, reformulado e reestruturado através da interação com essa complexa entidade chamada o *cliente* – processo que Schön descreve como *um diálogo reflexivo com a situação*. Dessa maneira, o conjunto da sabedoria profissional deixa de ser organizado e imaculado, mas aberto à incerteza, instabilidade, exclusividade e conflito. O bom senso e a intuição foram adicionados ao racionalismo, podendo influenciar as decisões profissionais.

O trabalho do Mecanoo tem sido chamado de *a bandeira do modernismo sem dogma*. Ao mesmo tempo, é *um modernismo que alguns críticos rejeitam, classificando-o de mera questão de estética e forma*. No entanto, o modelo de reflexão-em-ação de Schön pode ser mal interpretado como um processo totalmente orientado. Isso pode ser relevante a outras profissões, mas não se aplica à arquitetura. Para nós, o processo tem a característica de um diálogo. São os meios para um fim. A arte da arquitetura – proporção, composição, espaço, luz, habilidade de construção, e o senso tátil do material – *não pode se ajustar a um processo de boas intenções*. Na arquitetura, é o artefato que permanece.

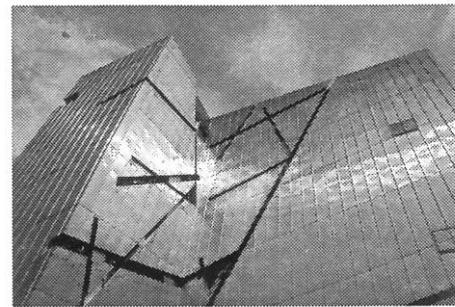
Publicado em Annette LeCuijter (Ed.), *Mecanoo*, Michigan Architecture Papers, Ann Arbor, Michigan, 1999. Tradução Patrícia Moribe. Sala Especial de Mecanoo Architecten na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

Arquitetura contemporânea: visitando a Europa

Carlos Leite e Mario Figueroa

cleite@uol.com.br

mfigueroa@uol.com.br



Museu Judaico em Berlim, Alemanha. Arq Daniel Libeskind

Grupo constituído por 2 professores e 20 estudantes da FAUMACK visitou Berlim, Barcelona e Paris em doze dias, com sucessivas paradas para discussão conceitual junto às obras visitadas e duas palestras com arquitetos locais: Pedro Moreira em Berlim e Affonso Orciuolo em Barcelona. Assim, imaginamos poder realizar um curso sobre projetos urbanos contemporâneos complementar àquele que realizamos normalmente na escola.

O processo de melhoramento urbanístico de Barcelona, iniciado nos anos 80 com Bohigas, tem uma continuidade invejável. Barcelona mostra a importância da realização contínua de uma série de projetos urbanos de diferentes escalas que fazem do espaço público a maior virtude da cidade – a “capital do verão europeu” é vivida nas ruas e plazas, atestando a vitalidade dos espaços urbanos como ponto de convivência social de máxima qualidade num mundo que se propagandeia virtual na virada de milênio.

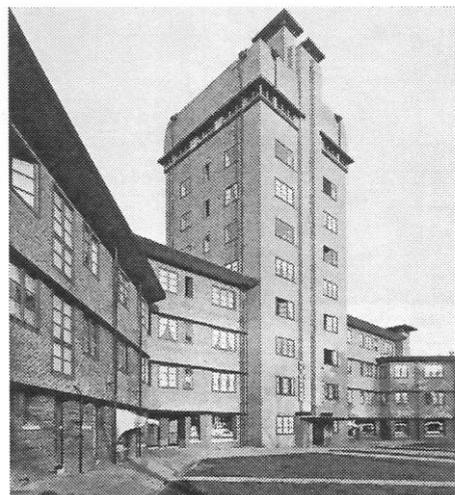
Na França pudemos avaliar o processo de reerguimento da imagem da cidade e do consequente resgate de sua qualidade de vida. Os Grandes Projetos iniciados por Mitterrand deixam um fruto inexorável: o da continuidade dos investimentos em projetos urbanos e arquitetônicos, como as novas “quadras abertas” junto ao Parc Berce de Bernard Huet (*master plan* de Buffi; projetos de Lion, Portzamparc e Ciriani) e o Atelier Brancusi realizado por Renzo Piano na praça do Beaubourg em 98. A visita, via TGV, à Euralille, de Koolhaas, demonstrou a necessidade de se divulgar e debater mais este projeto que foi um *turning-point* no pensamento urbanístico contemporâneo.

Berlim, maior canteiro de obras do mundo, converte-se em laboratório urbano ímpar: incontáveis concursos internacionais são realizados para reconstruir áreas urbanas destruídas na guerra. A nova *Potsdamer Platz* foi desenvolvida por Renzo Piano, com obras de Kollhoff, Moneo, Rogers e Isozaki. Todo o *star-system* da arquitetura mundial está presente, mas pouco tem se contribuído para o pensamento urbanístico contemporâneo. Talvez apenas Libeskind, com seus projetos urbanos para Alexanderplatz e Landsberger Allee e, obra máxima, o Museu Judaico, tem suscitado alguma polêmica no meio arquitetônico, além de Sir Norman Foster e sua ampliação do Reichstag.

Carlos Leite é arquiteto, mestre e doutorando (FAUUSP) e professor na FAUMACK. Mario Figueroa é arquiteto (PUC-Campinas), doutorando (FAUUSP) e professor na FAUMACK.

A outra modernidade

Cristina Mehrrens e
Jean-François Lejeune
mehrrens@umiami.ir.miami.edu
flejeune@miami.edu



Ed. residencial Floréal Garden City, Bruxelas, arq. Eggerickx, 1928

A outra modernidade: a cidade tradicional e sua arquitetura no Século XX – composto de exposição, dois catálogos, e uma conferência internacional – reexaminará o urbanismo e a arquitetura deste século sob duas abordagens: 1) *A outra Modernidade 1900-2000* releva as lições do passado e revisita a história da arquitetura e do urbanismo enfatizando a cidade tradicional enquanto *locus* de continuidade e reinvenção e 2) *Visões para o Século XXI* volta-se ao futuro e apresenta trabalhos produzidos nos últimos anos deste século, cujas tendências abrem o próximo milênio.

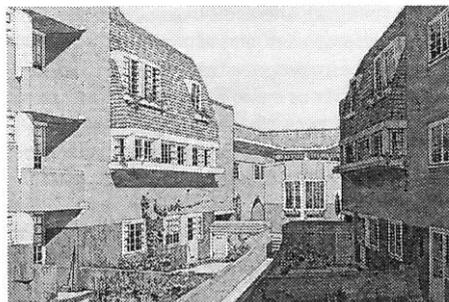
Até recentemente, historiadores da arquitetura usaram o termo *moderno* como sinônimo do movimento modernista e seu determinismo tecnológico. Segundo a mitologia modernista seria natural que as *verdadeiras* formas produzidas pela arquitetura moderna superassem o *revival* e o ecletismo. Sob essa ideologia, escritores influentes como Pevsner e Giedion determinavam que projetos e realizações arquitetônicas e urbanas que não se adaptassem às novas tendências modernistas fossem considerados um entrave ao desenvolvimento progressivo ou simplesmente ignorados.

Em contraste à representação modernista da história como um contínuo afastar-se da tradição, esta amostra privilegia *a outra modernidade*: o trabalho de arquitetos e urbanistas cujas visões de desenvolvimento e progresso não seguiram a ideologia determinista da máquina e da tecnologia e buscaram integrar suas realizações ao urbanismo tradicional das ruas e praças, através de novos experimentos com composições, formas e linguagem urbana. Do mesmo modo, o evento privilegia os ensinamentos das cidades modernas, bairros e cidades novas que adaptaram formas e tipologias clássicas e vernaculares às exigências da vida moderna. Nesses casos, a rua manteve-se enquanto o princípio fundamental de organização do espaço urbano, onde apesar do aumento do uso do carro, o transporte público fez-se mais eficiente e econômico. Esse espaço urbano tradicional foi capaz de conviver com a densidade e a multiplicidade de

funções essenciais à vida social atual. Exemplos históricos passados e contemporâneos, apresentados na exposição, ilustram esta conquista e mostram um caminho na direção de um desenvolvimento urbano sustentável para o próximo século. Diferentes culturas tem projetado, construído e reconstruído cidades e edifícios segundo noções de permanência e continuidade como um meio de estabelecer sentido para elas mesmas e para futuras gerações. Diante das premissas modernistas de um novo mundo, o fato da cidade tradicional e sua arquitetura não terem sido abandonadas é a prova de que carregam valores politicamente corretos e ambientalmente sensíveis. Tais valores manifestam-se através dos tradicionais princípios construtivos, tipologias, e organizações urbanas. As ruas e edifícios expostos na amostra ilustram de que forma técnicas tectônicas e materiais como o tijolo, madeira e pedra foram usados, adaptados, e às vezes, reinventados durante esse século. *A outra Modernidade 1900-2000*, examinará importante contribuições urbanas como as cidades jardins, cidades universitárias, e a reconstrução das cidades devastadas após as guerras mundiais. Movimentos regionais e vernaculares, como o estilo neo-mediterrâneo e as Escolas de Delft e Stuttgart, receberão ênfase especial. A exposição incluí projetos e trabalhos de Gunnar Asplund (Suécia), Lina Bo Bardi (Brasil), Dom Bellot (França-Canadá), David Brutzkus (Israel), Alexei Tchchoussév (Rússia), Michel de Klerk (Holanda), Hassan Fathy (Egito), Raymond Hood (EUA), Robert Stern (EUA), Ragnar Ostberg (Suécia), Edwin Lutyens (Inglaterra), Leon Et Rob Krier (Luxemburgo), Luis Moya (Espanha), Auguste Perret (França), Dimitris Pikionis (Grécia), Marcello Piacentini (Itália), Josef Plecnik (República Tcheca), Eriel Saarinen (Finlândia), François Spoerry (França), entre outros.

Visões para o Século XXI consistirá de projetos e fotografias originais de edifícios e intervenções urbanas selecionados de diversos arquivos e museus pelo mundo. Apresenta também novos modelos e desenhos, incluindo aqueles computadorizados realizados em diferentes escolas de arquitetura europeias e norte-americanas. Com esta variedade de materiais, os curadores visam criar uma exposição de grande alcance popular, com estudantes de 2º grau, investidores urbanos e poder público.

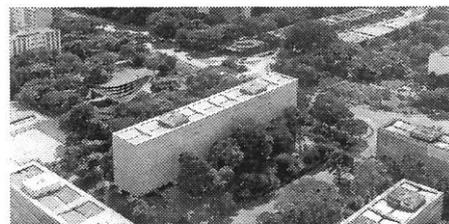
A Outra Modernidade. Bolonha, 09mar2000. Depois em Oslo, San Sebastian e provavelmente a Washington D.C.



Conjunto residencial Eigenhaard, M. De Klerk, Amsterdam, 1922

Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso,
encontro e outros eventos culturais



Superquadras Asa Sul. Foto Duda Bentes. Acervo DPHA-DF

VI Conferência Internacional Docomomo

Com o tema *The modern city facing the future*, acontece em Brasília, 19-22set2000. Data final para envio de resumos: 15out99. Info: Docomomo Brasil, UFBA, r Caetano Moura 121, 40210-350 Salvador BA, 071247.3803, docomomo@ufba.br

Exposições no Centro Cultural São Paulo

1. *Palavras, Imagens, Memórias*. Sobre imigração judaica alemã. Fotógrafa Anne Rech. Até 05set.
2. *II Mostra do Programa de Exposições*. Sérgio Fingermann, Marcus André e outros. Até 12set. Centro Cultural São Paulo, rua Vergueiro 1000, 01504-001 São Paulo SP, fon 011 3277.3611

Prêmio Stone de Arquitetura

Par uso de Rochas Ornamentais na arquitetura. Até 10/09. Miller Freeman. r Vanderlei 848, 05011-001 São Paulo SP, fon 011 3873.0081, fax 011 3873.1912, www.mfbr.com

V Encontro Nacional da Habitação, Venezuela

Sobre experiências urbanas e habitacionais. De 04 a 07out99. Info: Vivienda 99. Decanato de Investigación. Universidad Nacional Experimental del Táchira (UNET). Av Universidad. Paramillo. San Cristóbal, Estado Táchira, Venezuela, fon (58 76) 530422, fax (58 76) 532454, arqu@unet.ve

Congresso Mundial do Granito Galicia 99

Com premiação para uso do granito na arquitetura, 11-13nov. Info: c/ arenal 138. oficina 7, 36201 Vigo, España, fon 34 986 447.549, fax 449.577, m.asoc@teleline.es, www.congranito99.igatel.net

Biblioteca CAD – Óculum

1. *Revista Entre Rayas*, Venezuela. Contato: Carlos Espejo, fon 818.1168 (SP), cespejo@uol.com.br
2. *Lúcio Costa: documentos de trabalho* e *Revista do Patrimônio* n° 27. Coordenadoria de Editoração Palácio Capanema, r da Imprensa 16, 9º andar, 20090 Rio de Janeiro RJ, fon 021 220.8485
3. *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, Maria Cristina Leme (org). Fupam / Studio Nobel. r Maria Antonia 108 Fundos, 01222-010 São Paulo SP, fon 011 257.7599, studionobel@livrarianobel.com.br
4. *Arquitecturas del tiempo*, Miralles Tagliabue, Gustavo Gili, Rosselló 87-89, 08029 Barcelona, fon 322.8161
5. *São Paulo, a construção da cidade*, Fotos Cláudio Edinger, texto Pedro Cavalcanti, Instituto de Engenharia, 011 574.7766, ie@uol.com.br